

O INCONSCIENTE EM MUSICOTERAPIA E A INTUIÇÃO DO TERAPEUTA

João Vitor do Prado¹⁰

RESUMO

O inconsciente é usado produtivamente todos os dias e as pessoas desconhecem sua importância. Alguns hábitos pessoais e os processos automáticos do corpo humano trabalham inconscientemente. Às vezes, devido a experiências afetivas intensas, até mesmo o inconsciente precisa de cuidado terapêutico. Algumas informações interpretadas erroneamente acabam servindo de gatilho para distúrbios psíquicos traumatizantes. A procura por terapias como a musicoterapia tem aumentado recentemente. Nesta especialidade, o paciente se envolve nas sessões de forma incomum. Inconscientemente há uma projeção do paciente em seu produto artístico, revelando detalhes que normalmente seu ego não permitiria. O terapeuta, graças à sua sensibilidade desenvolvida, muitas vezes recebe estímulos de seu inconsciente, na forma de intuições, e estudos recentes comprovam que estas quase sempre estão certas.

PALAVRAS-CHAVE: Inconsciente; Automatização; Intuição; Percepção; Terapeuta.

ABSTRACT

The unconscious is productively used every day although people are not aware of its importance. Some personal habits and automatic processes of the human body work unconsciously. Due to intensive emotional experiences, sometimes even the unconscious needs a therapeutic care. Some misinterpreted information may trigger traumatic mental disorders. The search for Music Therapy has increased. In this specialty's sessions the patient is involved in unusual way, as the unconscious is considered a projection of the patient on his artistic product, revealing details normally prevented by his ego. The therapist, due to their developed sensitivity, often receives stimuli called intuition from his own unconscious, and there are studies that show intuition is almost always right.

KEYWORDS: Unconscious; Automation; Intuitions; Perception; Therapist.

¹⁰ Pós-graduando em “Musicoterapia Organizacional e Hospitalar” pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) – SP, Graduado em “Educação Musical” pela Universidade Sagrado Coração (USC) – Bauru – SP. Professor de música nas escolas livres de música “Viver de Música” e “InConcert” na cidade de São Paulo – SP. Grupo de pesquisa: Musicoterapia – Neurociência: Inconsciente e intuição. Investigação em Musicoterapia na Área da Saúde”, do Centro Universitário das Faculdade Metropolitanas Unidas - FMU/SP.

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é analisar a relevância científica por trás de atos intuitivos e como o entendimento do inconsciente pode ajudar no ambiente terapêutico. Na terapia o inconsciente se apresenta para o terapeuta de duas formas: objeto e ferramenta de trabalho. O inconsciente do paciente, como objeto, revela o conteúdo do seu “eu” a ser analisado e trabalhado e o inconsciente do terapeuta, por sua vez, a ferramenta de trabalho, através de intuições durante as sessões.

Inicialmente, será abordado o funcionamento da mente e as informações que o inconsciente esconde. Em seguida, os processos automáticos criados inconscientemente, para aperfeiçoar a eficiência da espécie; as experiências mostrando a influência do inconsciente na tomada de decisões, seguido por traumas emocionais escondidos no inconsciente e, finalmente, a musicoterapia e a influência da música no ser humano, levando-se em consideração a intuição do terapeuta e sua importância nas sessões.

O cérebro e o inconsciente

O ser humano, assim como as demais espécies, está em constante evolução, porém, com um detalhe a acrescentar: o homem modifica constantemente o seu ambiente e é modificado por ele. Novas tecnologias surgem e tomam lugar na vida cotidiana; hábitos e comportamentos sociais se transformam ao longo de gerações. Às vezes os comportamentos de uma geração são praticamente o oposto das gerações passadas. Como acontece com todas as espécies, informações básicas para a sobrevivência são passadas de forma hereditária. Essas mudanças drásticas de uma geração para a outra não seriam possíveis sem um sistema passível de atualizações (EAGLEMAN, 2011).

O homem é o produto de um longo processo evolutivo, e não pode ser deixada de lado a evolução de sua mente. A mente humana foi moldada para gerar e manter padrões adaptativos e diversificados de interação com o meio e os demais indivíduos.

Ela contém um conjunto de funções especializadas que coexistem e se completam no funcionamento do cérebro (VASCONCELLOS, 2009).

Tudo o que é vivenciado, o cérebro transforma em aprendizado, armazenando dados importantes para garantir a integridade do indivíduo, como por exemplo, sobre comida, água e predadores. Algumas dessas informações ficam armazenadas no inconsciente e é impossível acessá-las conscientemente (FREUD, 1996; EAGLEMAN, 2011).

O inconsciente exerce controle sobre grande parte do que ocorre no corpo. Estima-se que cerca de 5% do funcionamento do cérebro está ao alcance da consciência e os 95% restantes, do inconsciente. O inconsciente é usado o tempo todo, até mesmo na comunicação através da fala. Primeiro se pensa na ideia a ser comunicada verbalmente e, em seguida, as palavras surgem sem ser necessária uma seleção consciente. O mesmo acontece com o inverso: as palavras escutadas são decodificadas pelo inconsciente e transformadas na ideia do orador (SANTI, 2013).

Agregando informações para garantir a melhor sobrevivência do indivíduo, o inconsciente, no processo da evolução humana, guiou a espécie através de instintos que ainda hoje existem. Alguns vêm à tona quando há uma ameaça e outros passam despercebidos para a maioria das pessoas, por se dar mais importância à consciência e se esquecer de perceber o inconsciente presente (EAGLEMAN, 2011). Este autor exemplifica a dualidade entre a consciência e o inconsciente, com uma decisão, ao se ver um bolo de chocolate delicioso. Por que o chocolate é delicioso? Pois é, ele é uma fonte calórica enorme, o que dá muita energia para o corpo, mas qual o dilema aqui? Quando se vê um bolo de chocolate acontece um conflito entre consciente e inconsciente. Primeiro vem um impulso dizendo para comê-lo, pois é uma fonte de energia formidável. Perceptivelmente o olfato aguça e a boca começa a salivar, e então chega a consciência com a questão moral, por exemplo, “não posso comer porque vai extrapolar a minha dieta”. O inconsciente é praticamente o instinto enquanto a consciência é a reguladora moral dos atos.

Quando se vê uma pessoa pela primeira vez, em frações de segundos uma área do cérebro inconsciente, denominada de área fusiforme, analisa o rosto dela para julgar

se essa pessoa é amigável ou hostil. Esta é a famosa "primeira impressão", um modo instintivo de proteção à integridade do indivíduo que foi herdada dos ancestrais das cavernas, quando a sobrevivência poderia depender dessa habilidade (SANTI, 2013).

O conhecimento é construído através da experiência, das vivências, acertos e erros do dia-a-dia. Alguns desses conhecimentos podem ser acessados facilmente usando a consciência, como saber o resultado de um cálculo matemático, por exemplo, mas alguns deles ficam retidos no inconsciente. Assim, se lhe pedissem para descrever como seu pai caminha, seria uma tarefa difícil de descrever, mas se você avistar uma pessoa que caminha como ele, logo notaria que é o jeito do seu pai caminhar (FREUD, 1996; EAGLEMAN, 2011).

Peychaux (2003) refere que o cérebro compreende dois hemisférios: esquerdo e direito. O esquerdo é encarregado da ordem, entendimento, razão, o bom e o ruim, o obrigatório, e outras coisas essencialmente conscientes, enquanto o direito trabalha o artístico, a função das coisas, a emoção, a compreensão e outras funções inconscientes. O hemisfério direito tem uma percepção diferente das coisas. De forma quase global, essa percepção se atenta a detalhes que o hemisfério esquerdo não nota. Durante uma tomada de decisão, em que somente o lógico, referente ao hemisfério esquerdo, não lhe apresenta uma resposta segura vem, do hemisfério direito, um alarme aprovando ou não a tomada da decisão, criando o sentimento de certeza, ou incerteza da escolha, prevenindo assim o indivíduo das consequências negativas.

Por mais estranho que pareça, o cérebro é muito mais detalhista do que a mente consciente acredita. Para Eagleman (2011) a consciência e o cérebro são como corpo e alma. Por que não se tem acesso a esses detalhes? Provavelmente se fosse possível ter acesso consciente a todos os detalhes captados por nossos sentidos, sobrecarregaria a mente, causando estresse ou até mesmo alucinação. Então, mais uma vez, visando a integridade do indivíduo, o cérebro divide algumas informações em "setores" para que o desempenho seja melhor.

Automatização

Um profissional de elite, seja um médico, músico ou jogador de futebol, depende de anos de prática para chegar ao topo de sua carreira, aproximadamente dez anos de prática ou dez mil horas de treino, segundo uma pesquisa de Anders Ericsson (apud SANTI, 2013). Isso ocorre graças à memória não-declarativa, que faz parte do inconsciente e registra ações e movimentos do corpo. Quando se pratica muito alguma coisa, o cérebro percebe essa ação como algo importante para a sobrevivência, tornando-a uma segunda natureza, transformando-se em um processo automático.

O cérebro também procura padrões comportamentais tanto para a sobrevivência, quanto para uma melhor interação com o meio. Despercebidamente, um indivíduo pode repetir gestos corporais de outro com quem convive há muito tempo. Às vezes, acabar agindo inconscientemente como alguém, com quem se convive, é mais comum do que parece. Eagleman (2011) refere que todo comportamento essencial para a sobrevivência e relação social é guardado no inconsciente, como se fosse um programa de computador que, quando acionado, cumpre seu papel automaticamente. É como se alguém, ao estar dirigindo por um cruzamento perigoso, que exige o máximo da atenção, tivesse que julgar conscientemente o melhor momento para atravessar a pista, de forma a prevenir um acidente. O inconsciente então automatizaria o controle do carro. Durante este momento de atenção direcionada a pessoa não percebe todos os movimentos que utilizou para controlar o carro, pois foram automatizados. No entanto, supondo que ela não estivesse dirigindo, mas tivesse que descrever todo o processo para controlar o carro durante essa travessia, poderia esquecer algum comando, mas se estivesse dirigindo não esqueceria.

Algumas atividades são melhor desempenhadas automaticamente do que conscientemente. Por exemplo, quando se toca um piano, a melhor maneira de se confundir é querer prestar atenção para saber qual dedo está em uso. Um breve poema popular ilustra esse princípio:

Uma centopeia vivia feliz,
até que um dia um sapo lhe disse, a brincar:

"Com tantos pés, nunca te engana, meu petiz?"
Cheia de dúvidas de tanto pensar
caiu distraída numa vala
sem saber como marchar (SILVA, 2006, p. 32).

A capacidade de se lembrar de atos motores é chamada de memória implícita. O cérebro guarda o conhecimento de algo que a mente consciente não tem acesso explicitamente, como reproduzir espontaneamente um ritmo de uma música que há pouco não era possível lembrar (OLIVEIRA, 1993).

A pista do inconsciente

Eagleman (2011) relata um fato intrigante que ocorreu com criadores de aves. Nas grandes granjas há um processo chamado sexagem, em que as aves recém-nascidas, ou com até um dia de vida são divididas por sexo, para determinados tratamentos, como por exemplo: a alimentação diferenciada entre machos e fêmeas, pois as fêmeas futuramente colocarão ovos e os machos servirão somente para o abate. O problema que os criadores encontraram foi o de diferenciar um macho de uma fêmea, já que são idênticos quando pequenos. Os japoneses provaram que eles não são idênticos, ou quase. Inventaram um método extremamente eficaz na sexagem de aves com até um dia de vida e, desde 1930, criadores de todo o mundo vão ao Japão para aprender esse método. De certo modo a diferença entre machos e fêmeas é sutil demais e nem mesmo os instrutores japoneses sabiam mostrar, mas sabiam ensinar. Eles utilizavam dois recipientes para as aves: um destinado aos machos e o outro às fêmeas. Depois simplesmente olhavam para o traseiro das aves e as colocavam em seu devido lugar, mas não sabiam dizer qual era a diferença, somente sabiam diferenciá-las. E foi assim que seguiram as oficinas. Os aprendizes assumiam a classificação, pegavam uma ave e escolhiam o recipiente. Se estivessem certos ganhavam um "parabéns" e se estivessem errados, um "tente de novo" até que depois de alguns dias não havia mais erros. O autor ainda concluiu que de todas as informações coletadas pelos sentidos, somente as essenciais para o entendimento do

ambiente e para a interação com ele, encontram-se ao alcance da consciência. O restante é armazenado, de forma que somente o inconsciente seja capaz de acessar. Quando surge um problema que a consciência não tem a resposta, mas se o inconsciente tiver, surge então uma intuição.

Portanto, quanto mais experiência tem-se sobre um determinado assunto, ou situação, é mais provável ter intuições sobre as decisões a tomar. O cérebro percebe padrões muito antes de eles virem à consciência (FREUD apud TAVARES, 2007). Eagleman (2011) exemplifica isso com um jogo, cujo objetivo é pressionar os botões de um aparelho na ordem e no tempo certo e, conforme uma determinada luz acende, é preciso apertar seu botão correspondente. Se as luzes tiverem uma ordem padronizada, por mais complexa que seja, o indivíduo terá um desenvolvimento melhor do que se ela não tivesse padrão algum, mesmo que não tenha consciência desse padrão.

Quando alguém se depara com um problema sobre um assunto que domina, o cérebro automaticamente procura, na memória, de forma consciente, as possíveis formas de lidar com o mesmo. Porém, quando se trata de problemas novos, só resta arriscar uma escolha, mas nesse momento acaba não sendo exatamente ao acaso. Devido àqueles detalhes a mais que o inconsciente armazena, o cérebro calcula as semelhanças e faz uma projeção da escolha com melhores consequências, e então ocorre uma intuição sobre qual atitude tomar e, na maioria das vezes, é a melhor (JUNG apud FRANZ, 2010; FREUD apud TAVARES, 2007; EAGLEMAN, 2011).

Eagleman (2011) e Prado (2012) descrevem uma experiência do neurocientista Antoine Bechara e seus colaboradores que, em 1997, dispuseram quatro baralhos diante de participantes e pediram que escolhessem uma carta de cada vez. Cada carta revelava um ganho ou uma perda em dinheiro. Com o tempo, os participantes começaram a perceber que cada baralho tinha um caráter: dois deles eram bons e dois eram ruins. Enquanto ponderavam de que baralho pegar a carta, os participantes eram interrompidos em vários momentos, pelos pesquisadores, que lhes perguntavam quais baralhos eles achavam mais lucrativos entre todos. Desta maneira os pesquisadores descobriram que, em geral, eram necessárias 25 extrações dos baralhos para que os

participantes pudessem dizer quais achavam bons ou ruins. Os pesquisadores também mediram a reação de condutividade da pele dos participantes, que indicava a atividade do sistema autônomo (de luta ou fuga). O sistema nervoso autônomo apreendia a estatística do baralho bem antes que a consciência do participante. Quando os participantes estendiam a mão para os baralhos ruins, havia um pico de atividade antecipatória, como um sinal de alerta. Este pico era detectável por volta da décima terceira carta. Assim, uma parte do cérebro dos participantes compreendia o retorno esperado dos baralhos antes mesmo que a mente consciente tivesse acesso a esta informação. A informação era transmitida na forma de uma intuição e os participantes começavam a escolher os baralhos bons, mesmo antes de poder dizer conscientemente por quê.

Há uma forma simples de sabermos a opinião do inconsciente. Diante de uma dúvida qualquer, como "sapato ou tênis?", jogue uma moeda. Se der cara use sapato e se der coroa use tênis. Se quando jogar a moeda e o resultado trazer uma sensação de alívio, confie na moeda. Seu corpo aprovou o resultado dela, enviando uma sensação de conforto, mas se o resultado lhe fizer questionar a racionalidade da decisão baseada em cara ou coroa, isso significa que essa é a resposta que não foi aprovada por seu inconsciente (EAGLEMAN, 2011).

Crise no inconsciente

Mesmo tendo um grande papel na vida, o inconsciente, como qualquer outro elemento no homem, seja psíquico ou físico, pode ser prejudicado. Às vezes, devido a experiências intensas, o inconsciente interpreta um fato erroneamente e acaba "superprotegendo" o indivíduo dessas experiências (EAGLEMAN, 2011), tornando-se então um trauma que, segundo Laplanche (2001), é um acontecimento que se define por sua intensidade, pela incapacidade de responder adequadamente à situação, devido a uma desorganização psíquica.

Segundo Freud (apud EIZIRIK, 2006) a mente é a relação entre o meio externo e o meio interno através de uma vesícula indiferenciada e suscetível a estímulos. Essa

frágil vesícula seria destruída pelas energias externas se não possuísse um escudo protetor, com a função de filtrar esses estímulos e liberá-los com menor intensidade para suas camadas internas. Os traumas seriam quaisquer excitações vindas de fora, que fossem fortes o bastante para atravessar este escudo.

Quando uma situação afetivamente muito intensa ocorre, um trauma é inserido na mente, e em pouco tempo torna-se um modelo fixo para futuras situações semelhantes que poderão existir, tornando um único elemento participante desta situação inusitada, como um gatilho que liberta uma poderosa energia perturbadora (FREUD, 1996). Ito (2008) oferece um bom exemplo: um simples caso de humilhação em público pode ser interpretado pelo cérebro como uma agressão, transformando o significado do ambiente social em um ambiente hostil gerando, assim, uma fobia advinda de uma situação traumática. Algumas pessoas com este transtorno social acabam desenvolvendo um descontrole motor visível nessas situações.

Inconsciente e Musicoterapia

Musicoterapia

"A musicoterapia é o campo da medicina que estuda o complexo som-ser humano-som, para utilizar o movimento, o som e a música, com o objetivo de abrir canais de comunicação no ser humano, para produzir efeitos terapêuticos, psicoprofiláticos e de reabilitação no mesmo e na sociedade." (BENZON, 1988, p.11).

Para Bruscia (2000) a musicoterapia trabalha as experiências musicais com, no mínimo, um indivíduo e compreende um processo terapêutico que utiliza a composição, improvisação, audição, em um contexto que pode envolver fatores emocionais, interpessoais e ambientes físicos. Esses componentes estão inteiramente ligados e o ponto crucial da musicoterapia é encontrar suas relações. O musicoterapeuta sempre relaciona o paciente ao seu produto, produção ou processo musical e ao contexto em que se encontra.

Quando o paciente tem sentimentos difíceis, o produto musical pode refletir essas dificuldades e a beleza recairá no processo que o cliente

sofreu para expressar esses sentimentos. Quando o cliente tem que superar incapacidades para se engajar no processo, o produto musical torna-se belo, não porque a música é perfeita, mas porque a vitória do cliente adquire beleza. (BRUSCIA, 2000, p. 108).

Mesmo na formação do ser humano os estímulos musicais já estavam presentes. Benenzon (1988) refere que, durante a gestação, fenômenos acústicos, sonoros, vibratórios e de movimento são sentidos pelo feto através do roçar das paredes uterinas, do fluxo sanguíneo das veias e artérias, ruídos intestinais, sons de murmúrios da voz da mãe, sons e movimentos de inspiração e de expiração, movimentos mecânicos e de atrito, como das articulações ou vísceras, som dos processos químicos e enzimáticos, e muitos outros. Esses fenômenos sonoro-musicais vivenciados durante a gestação podem ser definidos como "complementos sonoros". Para o autor (1988, p. 13), "esses complementos sonoros irão formar o engrama mnêmico que repercutirá posteriormente nas diferentes características vinculares desse ser." Eles fazem parte de um mosaico genético herdado da identidade sonora do ser humano, o conceito de Identidade Sonora.

O conceito de Identidade Sonora, ainda segundo Benenzon (1988, p. 34), "é um conceito totalmente dinâmico que resume a noção de existência de um som, ou um conjunto de sons, ou o de fenômenos acústicos e de movimentos internos, que caracterizam ou individualizam cada ser humano." Essa identidade sonora reúne arquétipos herdados onto e filogeneticamente. Inicialmente agrega-se às vivências intrauterina e mais tarde às vivências ao longo de toda a vida. Jung (apud BENENZON, 1998) conceituou que "arquétipo" trata-se de um "inconsciente coletivo", isto é, uma dimensão do inconsciente que transcende a psique individual, portanto não pode ser atribuída a conteúdos esquecidos ou reprimidos.

A música é carregada de significados, tanto para quem a compõe quanto para quem a aprecia. Muitas experiências são ligadas a uma determinada música principalmente pelo fato de a música evocar uma sensação que traz à tona uma lembrança, ou vice-versa. A musicoterapia trabalha com as experiências musicais, a fim de estabelecer as relações necessárias com os objetivos a serem alcançados na

terapia. Quando esta tem um objetivo psicoterapêutico, o paciente vivencia experiências musicais que trabalha as dinâmicas interpessoais e os sentimentos que são problemáticos, ao mesmo tempo em que experimenta uma resolução através da música. Essas experiências acabam desenvolvendo relações como agentes terapêuticos (BRUSCIA, 2000).

Na musicoterapia as relações são multifacetadas. Podem ser internas do paciente, interpessoais, entre uma pessoa e um objeto, entre objetos ou ambientes. Essas relações são extremamente importantes, pois a saúde é intensificada com a harmonia e o equilíbrio. O cliente pode perceber as relações que são harmoniosas e as que não são, e suas possíveis resoluções (BRUSCIA, 2000).

Os efeitos da música em terapia

A música age sobre a cultura, ao mesmo tempo em que se insere em todas as camadas sociais, carregada de múltiplos significados. Cada cultura carrega seus referenciais simbólicos de que cada sujeito se apropria, para a construção do ser. Na vivência musical uma relação é estabelecida com a matéria musical em si, e com toda uma rede de significados compostos num mundo social (WAZLAWICK, 2007).

Benenzon (1988, p. 11) refere que "a música é arte e ciência, dois elementos que correspondem a um processo evolutivo do ser humano." Normalmente limita-se a música a um mundo de fenômenos acústicos e de movimento que possibilita o fenômeno musical, mas esses fenômenos separados e livres em seu contexto podem ter efeitos terapêuticos de diversas proporções em relação ao fenômeno musical propriamente dito.

Embora a música pareça exclusivamente auditiva, mobiliza todos os sentidos. Ouvir e fazer música produz estímulos e respostas motoras, táteis e visuais, e torna possível a interação musical através desses canais sensoriais. Em um concerto pode se ver o movimento do tocar dos músicos, perceber seu ritmo sonoro-visual. Para quem executa a música, a forma e textura do instrumento é experienciada juntamente

com a resposta cinestésica dos movimentos motores, que estão relacionados à escuta do que está sendo executado e muitas vezes à leitura da música (BRUSCIA, 2000).

Um som pode estimular uma resposta motora como andar, correr, marchar, dançar; uma resposta emotiva como chorar, rir, sentir medo; uma resposta orgânica como o rubor, secreções, descontração, ou até mesmo uma resposta de comunicação verbal ou não-verbal como um grito, canto, um gesto, e uma resposta de conduta como condicionamento de algumas funções, aprendizagem entre outras (BENENZON, 1988).

Benenzon (1998) refere que o inconsciente agrega energias sonoras básicas herdadas de antepassados. Estas energias são características de todo o gênero humano. Algumas delas são universais: o ritmo binário que imita as batidas do coração, as sonoridades e o movimento da água que sugerem memória do líquido amniótico durante a gestação, os sons de inspiração e expiração, a escala pentatônica, a tônica e a dominante, o acorde perfeito, o ostinato, o cânone e o silêncio.

A música tem o poder de sugestão e de projeção. Propicia a leitura de material inconsciente através da expressão não-verbal, expondo conflitos internos e facilitando o diagnóstico. Segundo Schembri (apud COSTA, 2011 p. 27), a música "atua nos conteúdos inconscientes, trazendo à tona memórias e experiências vivenciadas pelo indivíduo ou coletivo, pois acessa áreas do psiquismo não autorizadas pelo consciente."

A sensibilidade da arte e do terapeuta

Músicos têm mais facilidade para comunicação, seja ela verbal ou não verbal, devido à relação das habilidades musicais com habilidades cognitivas e linguísticas. A música estimula a percepção e o processamento do ambiente de forma contextualizada no hemisfério direito, aprimorando o acesso a essa área, tornando mais frequente a ativação do inconsciente pelo consciente (PEYCHAUX, 2003). Potencializa a capacidade de expressão emocional do ser, facilita a comunicação e a relação interpessoal. Pode ter funções terapêuticas para transtornos físicos e psíquicos. Sendo

empregada adequadamente ela proporciona recordações saudáveis, conduzindo a momentos de emoções e conforto, e ainda traz reflexão (SALES, 2011).

Através da música e da arte é possível expressar detalhes do "eu psíquico", o que não seria possível, muitas vezes, de expressar de forma consciente, sem interferência do ego. Os artistas têm uma percepção diferente, um "ponto de vista" aprimorado e diferente de quem não exercita a sensibilidade (PEYCHAUX, 2003).

Trabalhar com a arte em terapia envolve a sensibilidade e a lógica de modo complementar. Falar sobre a experiência sensível diante das manifestações artísticas torna-se um desafio, pois estas estão numa dimensão pré-conceitual, anterior à ação do pensamento lógico, na dimensão do sentir por sentir (CAMARGO, 2010 apud PIAZZETA, 2012). Segundo Piazzeta (2012), desde o treinamento de um musicoterapeuta a intuição é apontada como uma das seis qualidades artísticas necessárias para um bom desempenho, sendo as outras cinco: liberdade criativa, espontaneidade expressiva, construção musical sistematizada, responsabilidade clínica e intenção controlada.

Para Guimarães (2005), o trabalho clínico é uma estrutura instável que exige diversas habilidades do terapeuta. Exige dele mais do que assimilação de conhecimento médico e técnico. Exige sensibilidade e intuição no desenrolar das sessões. É necessário aguçar sua percepção para com o paciente, no ser em sua totalidade, e não somente ter um olhar voltado para a doença.

Note-se, além disso, que, por enumeração suficiente ou indução, entendemos apenas aquela que nos dá a verdade na sua conclusão com mais certeza do que todo o outro gênero de prova, salvo a simples intuição. Sempre que não é possível reduzir um conhecimento à intuição, depois de rejeitados todos os encadeamentos dos silogismos, resta-nos unicamente esta via, na qual devemos totalmente acreditar. Pois, todas as coisas que deduzimos imediatamente umas das outras, se a ilação tiver sido evidente, foram já reduzidas a uma verdadeira intuição (DESCARTES, 1999, p. 14).

Descartes pontuava a importância da intuição como o início de um desencadeamento lógico em busca da verdade absoluta, porém o crédito nunca é

repartido com ela. Tenta-se atribuir os méritos a todos os outros métodos lógicos e somente quando não os conseguem é que a intuição foi responsável. A intuição está presente no raciocínio assim como a dedução e outros métodos lógicos, e é tão fundamental quanto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano ao longo de sua existência tem evoluído e sobrevivido graças ao desenvolvimento de seu cérebro. Ele permite encontrar padrões no ambiente, e também criar outros, facilitando seu entendimento e sua coexistência. Hoje o homem modifica seu ambiente e é modificado por ele, porém, o altera muito rapidamente devido aos avanços tecnológicos. A maior adaptação é inconsciente, devido aos comportamentos e vida em sociedade. No dia a dia o inconsciente tem um papel importante para a sobrevivência e a relação externa. O aprendizado e a utilização de funções automatizadas fazem com que um ato e um foco de atenção simultâneos sejam divergentes. Mas como tudo no ser humano, no inconsciente também podem ocorrer falhas. Às vezes situações afetivas extremas podem desencadear distúrbios psíquicos, tornando necessária a procura por tratamentos que minimizam seus efeitos. A musicoterapia tem ganhado força nos últimos anos, por alcançar resultados benéficos na vida de muitas pessoas, incluindo as que apresentam distúrbios emocionais. A arte, principalmente a música, estimula áreas específicas do cérebro que evocam sentimentos e acessam o inconsciente. Os musicoterapeutas, além de acessarem o inconsciente dos pacientes, através das experiências musicais, também se beneficiam do próprio inconsciente, recebendo estímulos intuitivos. Essas intuições envolvem a contribuição do inconsciente do terapeuta para minimizar os erros ou aumentar as chances dos objetivos terapêuticos a serem alcançados. Basta desenvolver a sensibilidade para acentuar a percepção do que o próprio inconsciente tem a dizer.

REFERÊNCIAS

BENENZON, R.O. **Teoria da Musicoterapia**: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal. Trad. Ana Sheila M. de Uricoechea. 3ª edição. São Paulo: Summus, 1988.

BENENZON, R.O. **La Nueva Musicoterapia**. Argentina, Buenos Aires: Lumen, 1998.

BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia**. Trad. Mariza Velloso Fernandez Conde. 2ª edição. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

COSTA, G.S. **O papel da música na terapia**. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2011.

DESCARTES, R. **Regras para a Orientação do Espírito**. São Paulo: Martins Fontes, Coleção Clássicos. Filosofia, 1999.

EAGLEMAN, D. **Incógnito: As vidas secretas do cérebro**. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Stamppa, 2011.

EIZIRIK, M. Et al. Contratransferência e Trauma Psíquico. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**. Rio Grande do Sul, v. 28, n. 3, p. 314-320, set/dez. 2006.

FRANZ, M.V.; HILLMAN, J. **A tipologia de Jung: A função inferior - A função Sentimento**. 7 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

FREUD, S. **Fixação em traumas**: o inconsciente. Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Coleção Freud, v. 14).

GUIMARÃES, M.B.L. Intuição, pensamento e ação na clínica. **Revista Interface**, Botucatu - SP, v. 9, n. 17, p. 317-332, mar/ago. 2005.

ITO, L.M. Et al. Terapia Cognitivo-comportamental da Fobia Social. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 269-275, out. 2008.

LAPLANCHE J, PONTALIS JB. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes; 2001.

OLIVEIRA, M.G.M.; BUENO O.F.A. **Neuropsicologia da memória humana**. São Paulo: USP 1993.

PEYCHAUX, L. **Acessando o Hemisfério Direito do Cérebro: A Arte como ferramenta para desenvolver a criatividade.** Rio de Janeiro: Papel Virtua, 2003.

PIAZZETA, C.M. Musicalidade em ação e o ressignificar da musicalidade como constitutiva dos aspectos sensíveis da interação musicoterapêutica. In: **Anais do XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia e XII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia.** Associação de Musicoterapia do Nordeste. Olinda, p. 389-402, 2012.

PRADO, A. C. Como a ciência explica o que chamamos de pressentimento (e por que precisamos dele). São Paulo. **Revista Super Interessante Online.** 2012. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/como-pessoas-funcionam/como-a-ciencia-explica-os-pressentimentos-e-por-que-voce-precisa-deles>> Acesso em: 27/03/2013

SALES, C.A. Et al. A música na terminalidade humana: concepções dos familiares. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 45, n.1, p. 138-145, mar. 2011.

SANTI, A; LISBOA, S. O mundo secreto do inconsciente. **Super Interessante: O mundo secreto do inconsciente.** São Paulo: Editora Abril, edição 315, p. 37-46, fev. 2013.

SILVA, C.C. (org). **Estudos de história e filosofia das ciências:** subsídios para aplicação do ensino. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2006, p. 32.

TAVARES, B. (Org.) **Freud e o estranho:** contos fantásticos do inconsciente. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

VASCONCELLOS, S.J.L. Et al. A Psicologia Evolucionista e os domínios da cognição social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Brasília, vol.25, n. 3, p. 435-439, jul/set. 2009.

WAZLAWICK, P; CAMARGO, D; MAHEIRIE, K. Significados e sentidos da música: uma breve "composição" a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em estudo.** Maringá, v.12, n.1, p. 105-113, jan/abr. 2007.

Recebido em: 18 de junho de 2013

Aprovado em: 29 de junho de 2013